

O JORNAL NEGRO A ALVORADA NA LUTA POR UMA CONSCIÊNCIA RACIAL PARA OS SEUS

ÂNGELA PEREIRA OLIVEIRA¹; BEATRIZ ANA LONER²; CLARICE GONTARSKI
SPERANZA³

¹Universidade Federal de Pelotas – angelapoliveira2@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bialoner@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – clarice.speranza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado, referente a pesquisa de mestrado, contempla um veículo de comunicação impressa que foi criado para servir como um dos mecanismos de resistência negra na cidade de Pelotas. Através do uso de alguns escritos do periódico *A Alvorada* trataremos de descrever a forma como os redatores construíam junto aos seus uma conscientização racial. A criação desse jornal, que circulou de 1907 a 1965 (SANTOS, 2003), com algumas interrupções, foi de extrema importância na manutenção de uma rede de solidariedade negra, que se formou ainda no período imperial (SILVA, 2011) e também para a promoção de uma união contra a exclusão social do negro. Foi nos anos que seguem ao final da escravidão que se ampliam as formas de organização negra (OLIVEIRA, 2016) a fim de se criar espaços de defesa e luta por direitos, de negação de estereótipos e de afirmação de uma identidade positiva.

O estudo em questão dialoga com a história social, se inserindo no campo de estudos denominado de pós-abolição. O pós-abolição entendido como um problema histórico (RIOS; MATTOS, 2004) não se limita a um período cronológico, pós-1988, nem mesmo à transição entre trabalho escravo e trabalho livre. O pós-abolição é concebido como um processo de relação social que confere o lugar de agente histórico aos ex-cativos e seus descendentes. E busca compreender como eles agiam frente à imposição de práticas, por vezes, diferentes de suas concepções. Essa mescla de lógicas, próprias e impostas, torna os protagonistas dessa história detentores de uma heterogeneidade de experiências.

O jornal *A Alvorada* circulou na cidade de Pelotas e em algumas cidades da região. Nessa pesquisa fazemos uso dos jornais que circularam entre 1931 a 1935, ao total 204 cadernos que encontram-se disponíveis para consulta na hemeroteca da Bibliotheca Pública Pelotense. Este espaço é muito significativo para a história deste semanário, pois foi nele que Antonio Baobad, Rodolpho Xavier, Durval M. Penny e Juvenal M. Penny, articulistas do *A Alvorada*, estudaram através dos cursos de alfabetização noturna (PERES, 2002).

2. METODOLOGIA

Quando lemos um texto publicado em um jornal ou revista temos que levar em conta alguns fatores que nos auxiliam a entender a intencionalidade existente por trás de tal publicação. Entre elas: quem escreveu? Quando escreveu? Em que condições escreveu? Para quem escrevia (tanto leitor quanto proprietário do veículo de comunicação)? Onde escreveu? Que objetivo tinha ao escrever? Que

força desempenhava na circulação? Nem sempre é possível ter todas as respostas, mas elas podem nos auxiliar a compreender o porquê da existência de um texto naquele local e naquela data. Consequentemente não podemos deixar de considerar o seu contexto de produção e a sua historicidade.

Em nossa metodologia responderemos a todos os questionamentos feitos acima. Além de identificar o título do periódico e sua data de publicação quando estivermos dialogando com ele.

A imprensa pode, ou vem a se tornar, na medida em que se populariza, “um imbatível veículo de propagação de ideias, opiniões e informações” (ALVES, 2001, p.05). O jornal é uma produção narrativa com diferentes significados. No contexto republicano, as elites intelectuais, os órgãos jornalísticos, a população de um modo geral, foram imbuídos por um conjunto de ideologias importadas em vigor na época, tendo passado pelo Brasil com muita força, haja vista que encontraram terreno fértil nesse solo. Entre elas compreendem-se: as teorias raciais, o liberalismo e o positivismo. Os meios de comunicação escrita se autodeterminavam como veículos divulgadores de normas e comportamentos para as camadas letradas e não letradas. “A imprensa não se limitava a noticiar; fazia parte da construção do próprio acontecimento” (MACHADO, 2006, p.151).

O período sobre o qual a pesquisa se debruça é marcado pelo entendimento de que os seres humanos eram divididos em raças e que o negro pertencia a uma raça inferior a raça dos brancos. Essa visão esteve vinculada às teorias raciais que ganhavam força no Brasil desde o século XIX (SKIDMORE, 2012). Elas também estabeleceriam uma relação direta com uma aptidão para o trabalho, tendo por base a concepção de que este deveria se enquadrar numa ideologia liberal burguesa. Tendo por base a Europa, todos os demais locais que possuíssem outras lógicas foram considerados inferiores, como aconteceu aos africanos e seus descendentes e aos indígenas. Essas teorias se tornaram ainda mais difundidas na medida em que o número de libertos, no Brasil, aumentava, de maneira que, no pós-abolição tal perspectiva não deixou de vigorar, o que trouxe consequências para a posterioridade.

Nesse sentido, a análise do jornal nos possibilita entender através da escrita desses sujeitos, relatos das suas vivências, quais eram as estratégias adotadas pelo grupo no momento em que eram rotulados como inferiores pelo seu pertencimento a uma raça. A imprensa negra era um espaço em que esses sujeitos tinham voz para dialogar com os seus. Através da escrita contida nesse periódico pudemos observar o que pensavam a respeito dessa classificação deles como pertencente a uma raça inferior e como reagiam a isso. Ainda, como dialogavam com os demais sobre esta situação.

Não podemos pensar os negros como sendo homogêneos. Seria utópico acreditar que todos eram cientes do preconceito e sofriam com ele, ainda mais numa sociedade em que ele se fazia mascaradamente. Nesse sentido o jornal acionava para que as pessoas atentassem para as diferentes formas que o preconceito se mostrava e atuava nessa tomada de consciência de muitos indivíduos sobre as manifestações de preconceitos serem geradas por uma crença científica de que o negro era uma raça inferior.

A imprensa como uma “linguagem constitutiva do social” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.258) reflete no modo como ela molda as formas tanto de pensar quanto de agir, na sua capacidade de definir papéis sociais, generalizar posições e interpretações as quais tomam por universais, além de delimitar espaços, demarcar temas e mobilizar opiniões.

Enfim, é preciso estar claro que “o texto é uma narrativa intencional, uma produção de sentido, não um conjunto de verdades” (OLIVEIRA, 2011, p.127).

Não almejamos uma verdade única e absoluta sobre todos os fatos existentes, pois sabemos que isso é utópico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a construção dessa pesquisa se fez uma leitura prévia do material a ser utilizado, com a intenção de obter uma familiaridade com ele. A consulta do jornal A Alvorada foi feita na Bibliotheca Pública Pelotense, localizada no centro da cidade de Pelotas. Esse não é o único espaço que abriga volumes desse jornal. Ele também pode ser consultado no Clube Cultural Fica Ahi, um clube negro também da cidade de Pelotas e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Após esta fase inicial de reconhecimento da fonte, passamos para um novo processo, o de transcrição do material, de acordo com os interesses da pesquisa. Nesse sentido, copiamos durante um longo tempo, todas as escritas que jugamos servirem de interesse a nossa temática. Essa transcrição da fonte foi bastante lenta haja vista a quantidade de textos que nos são úteis e a quantidade de cadernos de jornais (ao total 204).

Os resultados encontrados até o presente momento dialogam diretamente com a historiografia produzida a respeito da temática, a qual nos permite perceber que as formas de resistência negra também eram cotidianas e, que o preconceito também se faz nas relações sociais. As denúncias feitas através do jornal que apontam para casos de discriminação evidenciam o preconceito racial nas relações diárias.

A imprensa negra era um imprescindível veículo de defesa, de contestação, de exposição, de explanação e de combate. Através dela era possível tornar um maior grupo de pessoas conscientes das práticas ofensivas para com os negros. Além do que é importante destacar que nem todos possuíam as mesmas ideias e nem as mesmas práticas. Também não sofriam igualmente com o preconceito e a discriminação, o que permite diferentes compreensões sobre o momento. O que pretendemos foi observar como o jornal dialogava com o seu leitor, entendendo esses como sujeitos com uma diversidade de relações sociais, portanto, heterogêneos, o que consequentemente os tornaria ou não conscientes do que representaria seu pertencimento a uma raça.

4. CONCLUSÕES

Em nossa pesquisa, gostaríamos não apenas de dar visibilidade a esses sujeitos, mesmo crendo que há necessidade de mais pesquisas sobre o tema dentro do sistema de ensino superior. Nesse sentido atentamos para problematizar essas escritas. Esses relatos deixados nos permitem uma diversidade de interpretações por possuírem uma riqueza de elementos que podem ser levados em consideração para análise, como por exemplo, do contexto, de sujeitos e de associativismo.

Nosso trabalho permite entender a manutenção de práticas e mentalidades escravistas na cidade de Pelotas durante o período pós-abolição. Essas práticas se apresentam quando tentamos entender as relações sociais cotidianas na qual a raça era acionada demonstrando a força com a qual essa se faria presente nessa sociedade. O entendimento aqui discutido se refere aos negros que viviam no meio urbano e aqui buscavam se inserir socialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. N. (org.). **Imprensa & história no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001. Coleção Pensar a história sul-rio-grandense. v.06.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n.35, pp. 253-270, 2007.

MACHADO, H. F. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto pós-Abolição. In: NEVES, L. M. (et. al.). **História e imprensa. Representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2006, pp.142-152.

OLIVEIRA, F. R. **Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar**: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

OLIVEIRA, R. S. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiæ**. Rio Grande, v.2, n.3, pp.125-142, 2011.

PERES, E. **"Templo de Luz"**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875 – 1915). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

RIOS, A. M. L.; MATTOS, H. M. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**. v.5, n.8, pp.170-198, 2004.

SANTOS, J. A. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa** – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. Universitária, 2003, v.7.

SILVA, F. O. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços**: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943). 2011. 228f. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.